

## **40º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS**

**SPG29 Sexualidade e gênero: corpos e identificações em trânsito**

**Vestida de noiva: marcadores de gênero e classe em movimento no mercado de festas de casamento entre São Paulo (SP) e Belém (PA).**

Michele Escoura (UNICAMP)

Caxambu, 2016.

## **Vestida de noiva: marcadores de gênero e classe em movimento no mercado de festas de casamento entre São Paulo (SP) e Belém (PA).**

### **Resumo**

Em 2015 o setor especializado de eventos movimentou R\$17 bilhões. Mas seja pelo lado de seus profissionais, ou de noivas/noivos, mais do que dinheiro gira em torno deste mercado. Nesta pesquisa, busco compreender as noções de gênero, práticas de consumo e a produção de relações, diferenças e desigualdades a partir da organização de festas de casamento em São Paulo e Belém. Baseio-me na perspectiva etnográfica ao realizar trabalho de campo em lojas de aluguel de vestidos de noiva em diferentes contextos econômicos e também na interação com uma rede de noivas/noivos nas cidades. Neste *paper*, apresento o material produzido entre 2015 e 2016 para destacar, em primeiro lugar, como as modelagens das roupas têm circulado entre as lojas de diferentes classes sociais de modo a demarcar estilos distintos (e por vezes hierarquizados) de feminilidade; e, ainda, como o trânsito de noivas entre as diferentes lojas e cidades tem evidenciado estratégias de diferenciação de classe e de poder de consumo. Assim, a pesquisa mostra como dinâmicas de deslocamentos de estilos de vestidos ou de noivas entre ou nas cidades, tem colocado marcadores sociais de gênero e classe também em movimento.

### **Introdução**

Em 2015 o mercado especializado em eventos e cerimônias movimentou cerca de 17 bilhões de reais no Brasil e acompanhou o recorde do número de matrimônios: em São Paulo foram quase 300 mil casamentos oficiais, um acréscimo de 57% no período de 15 anos segundo pesquisa do Seade<sup>1</sup> nos cartórios de todo o estado. Mas seja pelo lado das/os profissionais do setor, ou pelo lado das noivas e noivos, mais do que dinheiro gira em torno deste mercado: são objetos, estilos, modas, conceitos, pessoas, sonhos e relações em circulação quando falamos em festas de casamento.

---

<sup>1</sup> Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados é uma instituição vinculada à Secretaria de Planejamento e Gestão do Estado de São Paulo responsável por pesquisas e levantamentos estatísticos estaduais.

Na pesquisa de doutorado<sup>2</sup>, meu objetivo geral é compreender as relações mobilizadas no processo de organização de festas de casamento e em como elas produzem contextos de aproximações, diferenciações e desigualdades. Persigo as noções de gênero e as práticas de consumo acionadas durante a preparação destes eventos a partir de uma perspectiva etnográfica, aliando observação participante e entrevistas no trabalho de campo tanto em lojas de aluguel de vestidos de noivas como com diferentes casais e famílias em cidades do estado de São Paulo e em Belém, no estado do Pará<sup>3</sup>.

O tradicional traje de festa para noivas foi escolhido como objeto chave para a etnografia uma vez que 1) evidencia um importante momento de interação direta entre os profissionais do mercado e as noivas em processo de preparação do casamento e, 2) sendo um item considerado imprescindível a todos os eventos desse tipo, possibilita uma entrada transversal em diferentes contextos econômicos.

Neste *paper*, busco sistematizar os dados produzidos pela pesquisa entre 2015 e metade de 2016. Analiso, de um lado, como o consumo de determinados estilos que se deslocam entre os territórios marcados por referenciais econômicos posicionam noivas em diferentes regimes de feminilidade e, de outro lado, como o trânsito de noivas pelos territórios marcadamente femininos das lojas, em contrapartida, é acionado como estratégia de reposicionamento de classe.

### **Com que roupa eu vou?**

“Não é a gente que escolhe o vestido, é o vestido que escolhe a gente” era o que dizia Natália sobre o momento em que decidiu qual vestido usar no dia de seu casamento, em 2015. Com celular em punhos e passando pelas dezenas de fotos do casamento que tinha acontecido semanas antes, a jovem do Jardim Conquista, zona leste de São Paulo, se animava em mostrar aquele que tinha sido um dos itens mais caros de sua festa. Luiz, o

---

<sup>2</sup> Pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) sob orientação da Profa. Dra. Isadora Lins França e financiamento da CAPES.

<sup>3</sup> Inicialmente, São Paulo havia sido elencada como único local de realização da pesquisa devido sua centralidade na dinâmica do mercado de casamentos (onde se concentra a maior quantidade de fornecedores nacionais, além das maiores e mais antigas feiras de serviços do setor). Entretanto, no primeiro ano de trabalho de campo começaram a aparecer muitos relatos de um trânsito entre profissionais e noivas de outros estados do país (especialmente fora do eixo sul-sudeste) em busca dos produtos e serviços oferecidos na capital paulista. Para acompanhar essa dinâmica do mercado que coloca pessoas e bens em circulação no território nacional, aproveitei a coincidência de minha ida à Belém por motivos pessoais para incluí-la no trabalho de campo.

noivo, riu quando eu perguntei “como tava o vestido”. Ele fez um sinal sobre seus peitos enquanto estufava a boca. Seu pai, evangélico, teria dito “pra que tudo isso?” ao ver a nora entrando na cerimônia. Natália acompanhou a risada. Eu voltei a perguntar “como é que ele era” e o noivo riu de novo “Caro! Caro!”. Ela intercedeu dizendo que “não foi caro, foi dois mil e quinhentos, foi super barato” enquanto dava *zoom* na foto em que seus seios apareciam valorizados por um decote apertado. Na cor *off-white*<sup>4</sup>, com pedras transparentes e brilhantes bordadas sobre as aplicações de renda, o vestido seguia um modelo cuja saia se armava sobre estruturas de enchimento, dando o efeito de afinar a cintura da noiva, o que é esperado pela maioria de minhas interlocutoras.

Meu vestido estava sujo, dentro do provador, que alguém tinha provado e tinha largado lá. A mulher trouxe quinhentos brancos e eu não queria. Não ficou bom, não era... A mulher tava frustrada já porque ela colocou a loja no provador e eu não queria nenhum. Aí que menina olhou no vestido e falou "tem esse aqui...Vamos tentar?". "Ai, moça, nem quero mais", aí ela "por favor". A gente colocou. A hora que ela colocou, ela nem apertou, nem trançou, eu já falei "é esse!". Assim, ela só colocou o vestido, tava sujo, tava horrível, o vestido tava até rasgado. Aí eu falei "é esse!". É inexplicável, é inexplicável. Aí eu coloquei o vestido, ela apertou, aí eu coloquei o sapato, aí eles te sentam, colocam o penteado, te dá o buquê... E coloca uma música de casamento mesmo, de entrada de casamento e, um espelho gigante, com a música de fundo, com o buquê, você fica ali se olhando e você fala: "meu, é isso, é esse". Aí você já começa a chorar, porque passa um filme na sua cabeça, é inexplicável. Você não escolhe o vestido. Porque assim, você olha vários e fala "esse é bonito, é esse que eu quero", mas não... É o vestido que te escolhe. Porque tinha muitos bonitos lá que eu falava "meu, esse tá perfeito". Mas quando você coloca, você fala "meu...". (Natália, São Paulo, 2015).

Essa sensação de ser incontrolavelmente escolhida pelo vestido parecia a mesma experimentada por Mariana que do outro lado da cidade, no Jardins, buscava sua peça. Localizada em um casarão clássico da avenida tida como um dos símbolos dos tempos áureos do café, que colocou São Paulo no coração financeiro no país, a loja era apenas uma dentre tantas especializadas e prestigiadas no ramo de “alta costura” no bairro, termo utilizado para se referenciar às roupas específicas de festas.

Lá, só vestidos de noivas eram comercializados. Nem roupas de noivos, nem de madrinhas, faziam parte do mostruário da loja. Inclusive, “mostruário” lá também tinha outro sentido. Nenhum vestido ficava exposto na loja, a não ser os dois da vitrine externa.

---

<sup>4</sup> *Websites* e *blogs* especializados em casamentos costumam classificar a cor *off-white* como um branco menos branco, mãos próximo a tonalidades de bege ou então com uma aparência mais “sujinha” ou “envelhecida”. Para ver mais, acessar: <<http://noivinhaemfolha.com.br/vestido-de-noiva-off-white/>>

Cada noiva que chegava, com horário marcado, escolhia as peças que desejava provar a partir de diferentes revistas que serviam de catálogo do acervo da loja<sup>5</sup>.

Acompanhei Mariana e sua mãe durante toda sua prova de vestido na loja da Avenida Rebouças. No horário marcado, chegamos e fomos encaminhadas para os sofás da sala de espera. Um imponente lustre de cristais descia do teto e iluminava a lareira que, naquele dia de calor, servia apenas para acomodar duas *Barbies* vestidas com réplicas em miniatura dos vestidos da coleção atual da loja.

Cinco minutos depois de nossa chegada, uma moça jovem veio nos chamar. Caminhamos para uma sala ainda no piso térreo do casarão, onde estavam dispostas lado a lado duas mesas de madeira. Todas as cadeiras foram reunidas em torno de uma delas e em seguida Danilo, o estilista indicado durante o agendamento prévio, juntou-se de frente a nós. O início do atendimento parecia uma entrevista. Ele e Bianca, sua assistente, descarregaram uma bateria de questões: quem de nós éramos a noiva, o que éramos umas em relação às outras, qual a data do casamento, o horário da cerimônia, se seria na igreja ou em local aberto e o número de convidados. Deste momento em diante, Mariana deixou de ser chamada pelo nome e virou "minha linda" na interlocução com os funcionários da loja.

Danilo se levanta com uma fita métrica em punhos e pede para medir a cliente. Mariana, constrangida, fala que está um pouco acima do peso, mas que pretende emagrecer até o dia do casamento que aconteceria somente mais de um ano depois daquele dia. O estilista a tranquiliza, diz que outras provas podem ser feitas até a data do evento e que há muitas estratégias de ajustes do vestido no corpo: "para a barriga a gente dá um jeito, coloca calcinha da noiva, uma barbatana...", disse ele se referindo à uma espécie de calcinha com uma cinta de compressão e às estruturas de metal que são costuradas no interior do forro do vestido de modo a prensar e modelar a cintura de quem o usa.

Em seguida às medidas da noiva anotadas num papel, ele investiga os estilos de modelos que a cliente tem em mente. Ela fala que quer um modelo "clássico", que pensou em mangas longas, mas não sabe se passará muito calor. O funcionário é então enfático: "noiva é foto, é estilo. Tem que pensar em como você quer se ver na foto do seu casamento 10 anos depois". Em seguida se dá por satisfeito na conversa e pede para que aguardemos

---

<sup>5</sup> A cada ano, seus estilistas elaboram diferentes modelos que irão compor a coleção da temporada e, depois do lançamento em grandes eventos na cidade, os modelos ficam disponíveis nos armários da loja.

no piso superior. Dez minutos se passam até que Danilo reaparecesse com dois vestidos em punho e nos convida para entrar na sala de provas. Lá, o piso era todo coberto de carpete marrom claro e duas paredes, uma de frente para outra, eram cobertas de espelhos e contornadas por focos de luzes. Mariana demonstrou certa frustração com o número de vestidos que eles trouxeram do estoque e baixinho comentou comigo: "só dois? Achei que viriam uns 10". O estilista apresentou os dois modelos para a noiva e em seguida se retirou do quarto, fechando a porta e deixando a troca de roupa a cargo de Bianca. O vestido era do estilo *evasé*, cujo caimento deixa marcado o corpo apenas até a cintura e depois se abre em uma saia bastante rodada, o que impede de ver o contorno do quadril. Tinha mangas longas de renda e deixava o busto levemente à mostra, mas sem aparecer os seios.

Bianca vestiu a cliente e pouco tempo depois o estilista estava de volta, certificando-se que a noiva estava vestida antes de entrar no cômodo que servia de provador. O funcionário não poupou elogios quando viu a jovem já vestida com a peça escolhida por ele e mostrou-se sensibilizado com a imagem que via a sua frente. "Deixa eu montar ela" disse enquanto improvisava um topete seguido de um coque em seu cabelo. Colocou um véu branco e longo saindo do meio do penteado e ajustou a calda do vestido. "Você é muito clássica, isso deve ser de casamento em vida passada" concluía Danilo ao ver a noiva posta em sua frente. Mariana, que nessa altura já estava posicionada em cima de uma plataforma de frente ao espelho que a deixava uns quinze centímetros mais alta, parecia pronta para o casamento. Antes de abrir a porta para a mãe que aguardava lá fora, o estilista deu o buquê de flores falsas para a jovem e ensinou o posicionamento correto do assessorio: "deixa de lado, senão tampa o vestido". A porta foi aberta e, boquiaberta, a mãe entrou na sala dando sinais de contenção do choro.

As pedrarias bordadas no vestido ganhavam um brilho acentuado com os focos de luz direcionados na cliente. O estilista percebeu que o vestido tinha caído no gosto e começou a valorizá-lo: "imagina essa manga longa aí na foto colocando a aliança, aparece o preto e branco da roupa do noivo e a renda branca da noiva, fica lindo". A mãe da noiva não fazia nenhuma questão de esconder sua predileção pelo vestido "clássico" e com a ajuda do estilista começou a fazer uma avaliação negativa do estilo considerado oposto, o "sereia": "parece coisa daquelas mulheres que casam com os velhos e querem dar golpe do baú", avaliou. Danilo concordou: "parece piriguete tentando ficar fina".

Mariana tinha gostado do vestido, mas ainda não estava satisfeita, ou talvez tivesse curiosa para ver como ficariam os outros modelos. Mais vestidos foram solicitados e as

trocas continuaram por horas, a ponto do coque já parecer desfeito e Danilo desanimado com o atendimento. Mas o descabelo não diminuiu o efeito que um vestido “sereia”, trazido à revelia da ideia original, provocou em Mariana quando foi provado. Justo em seu corpo até abaixo do quadril, com um decote mais acentuado e mangas longas desenhadas por uma renda em arabesco, o vestido fez a noiva lacrimejar. O estilista nem tinha terminado de fazer os ajustes ao corpo com os alfinetes e Mariana já pedia para colocar também o véu. “Amei! Amei!” dizia ela antes de abrir a porta para a mãe entrar novamente e ver aquele que era, naquela altura, algo como o décimo vestido que provava.

“É mãe, o olho dela encheu de lágrima... Acho que ela é ‘sereia’, acho que ela quer dar golpe no velhinho...” dizia o estilista em tom de piada. A mãe apresentava um ar de frustração e Bianca tentava remediar a situação: “toda mãe quer ver a filha que nem ‘princesa’, né?”, dizia em referência aos primeiros vestidos provados. “Eu quase chorei no primeiro, parecia uma menininha”, disse a mãe antes de completar com um: “mas é você quem sabe” para a filha. Danilo ponderou. “Minha linda”, disse referindo-se novamente à noiva, “você tem que se sentir realizada. Vai olhar seu álbum daqui vinte anos e tem que se sentir realizada”. Mariana ouvia todas as falas enquanto olhava-se fixamente entre as duas paredes de espelho. Destacava positivamente a renda que cobria seus braços e a que se desenhava em arabesco nas suas costas, em uma tentativa de ganhar o apoio da mãe. Seu discurso já mudava de tom: “no outro eu parecia uma santa!”.

“Para uma noiva, as palavras são muito importantes. O primeiro, quando eu perguntei se você gostou você disse ‘adorei’. Agora você disse ‘amei!’”, indicava Danilo ao dar indícios que a busca pelo vestido teria terminado. Mariana concordou e ao perguntar o preço, teve como resposta a orientação de que aquele era assunto “lá pra baixo”, referindo-se à área de chegada e negociação do piso térreo do casarão.

A noiva foi desmontada. Aos poucos a jovem de 25 anos ia ressurgindo de blusinha colorida e shorts jeans. Descemos todas e dessa vez fomos para uma mesa em outro ambiente, mais próximo da sala de entrada e da presença dos outros funcionários. Em um papel Danilo escreveu o valor do vestido: R\$ 9,6 mil para um primeiro aluguel e R\$ 5,9 mil para o segundo<sup>6</sup>. As clientes se entreolham tensas. Era muito a mais dos R\$ 3 mil

---

<sup>6</sup> A cada ano, os estilistas da loja elaboram diferentes modelos que irão compor a coleção da temporada e, depois do lançamento em grandes eventos na cidade, os modelos ficam disponíveis nos armários da loja. Cada peça confeccionada é alugada no máximo duas vezes, sendo mais caro o aluguel daquela até então nunca usada. Bianca me explicou que depois do segundo aluguel, os vestidos são revendidos para lojas

imaginados e combinados como parte do presente de casamento de mãe para filha. A negociação entra em um momento de tensão. "Não tem como baixar?". "Podemos tentar quatro mil e quinhentos com minha gerente...". Ainda assim era muito. "Ainda tem que alugar o véu, o sapato, a coroa... Nisso ainda mais uns mil e quinhentos" pensava alto a noiva com o intuito de virar a situação. Os olhares continuavam tensos até que a mãe fez a proposta: pagaria o valor anteriormente combinado e a filha podia completar com a diferença. Nada feito. Frustração. Não havia outra saída senão subir novamente pelas escadas e recomeçar a busca, agora focando no modelo mais parecido possível com aquele escolhido e de coleções anteriores, mais barata.

Subimos e Mariana não demonstrava nenhum entusiasmo ao provar o novo vestido em modelo "sereia". Seu olhar parecia com um daqueles de quem está prestes a chorar. Mas desta vez, o choro não tinha nada de parecido com aquele marejar de olhos que acontecera momentos antes, na escolha do vestido. O primeiro foi logo despido. Bianca já demonstrava cansaço, mas empenhava-se para vestir o segundo modelo, escolhido entre as revistas do ano anterior da loja. Todo rendado no busto, o vestido era muito maior do que o tamanho da noiva, exigindo ajustes improvisados com alfinetes para que o tecido acompanhasse o corpo da cliente e ficasse, de fato, justo como um modelo "sereia". Mariana se agradou com os ajustes. "É renda chantilly francesa" disse Bianca, valorizando a peça. A noiva foi ficando mais descontraída e sorridente conforme via seu corpo ganhando opulência. A mãe entrou e pareceu gostar mais do vestido: apesar de sereia, a renda cobrindo o colo e os braços dava um jeito mais sério ao modelo. Os elogios se multiplicaram como em uma tentativa de finalizar, enfim, o processo de escolha. "Esse tá dentro do meu preço?", perguntou a noiva. "Esses todos que trouxemos estão" respondeu o estilista mais animado. Despiu-se novamente e repetiu a descida das escadas rumo à mesa de negociação, desta vez para fechar o contrato de aluguel em R\$ 3,5 mil.

Os abraços de "boas-vindas" vindos de todos funcionários pareciam ter encerrado a busca pelo vestido de noiva de Mariana, porém dois dias depois que eu estive na loja com ela e sua mãe, mais novidades vieram por um aplicativo de mensagens instantâneas:

**Mensagem de texto:**

Troquei de vestido! KKKKKKKK.

Sou uma noiva FELIZZZZ

Nossa, eu tô me sentindo mto aliviada!

**Mensagem de áudio:**

---

menores ou do interior do estado, o que parece sugerir uma cadeia de circulação desses objetos em diferentes lugares e classes sociais.



Voltei lá! Aí cheguei lá, tinha avisado ele antes que eu tava insegura e marquei horário. Aí cheguei e falei, bom, vou provar primeiro o que eu fechei, pra não poluir minha cabeça. Quero ver como eu realmente fico nele. Aí deixaram bem justinho, do jeito que eu queria, tal. Aí eu olhava. Fiquei com ele uns 20 minutos com ele no corpo, olhando.... Vendo como que eu me sentia. Eu me sentia 'ok'. Aí eu falei, bom vamos pôr o outro. Aí não deu. Na hora que eu pus o outro, sei lá véio, é um negócio! Eu me senti tão bonita, tão poderosa nele, sabe? Que eu falei 'não adianta eu ficar com um e gostar mais do outro'. A minha mãe é super preconceituosa, falou que era um vestido que a Valesca Popozuda usaria. Mas a Valesca Popozuda não usaria o de renda Chantilly francesa, desse jeito. Aí eu falei 'mãe, não adianta ser preconceituosa, eu vou fazer o que eu sinto bem, como eu me senti melhor'. Esse que eu gostei mais, que eu fechei agora, eu falei pra ela... Ela falou 'ah, você precisa emagrecer para usar ele'. Mas eu posso casar amanhã Mi, do jeito que eu tô, gorda do jeito que eu tô, que eu me senti linda, me senti muito bonita, me senti elegante, não me senti vulgar... E tô feliz, sabe? Muito feliz!  
(Mariana, São Paulo, 2015).

De volta à loja com uma amiga de trabalho e no horário de serviço, Mariana tinha conseguido renegociar o preço do primeiro vestido que gostara em R\$ 4,8 mil e parcelou em cinco vezes no cartão de crédito a diferença entre o vestido mais caro e o valor pago por sua mãe pelo outro. Era a estratégia utilizada para colocar no campo de possibilidades de sua festa de casamento o vestido que tinha feito ela se sentir “poderosa”.

Já em Belém, Juliana queria se sentir “princesa”. “Pra mim não existe nada mais feminino do que renda, e ela usa em todos os vestidos dela” dizia a noiva enquanto justificava o porquê de ter escolhido a estilista Lethicia Bronstein<sup>7</sup>, de São Paulo, para confeccionar seu vestido de noiva após ter passado pela loja de outro estilista famoso.

A sala dela é uma casinha de boneca, é uma sala de Princesa. É rosinha com azul bebê e coraçõezinhos, coroinhas. E ela não faz só noivas, ela faz moda festa. Por isso que te digo, toda mulher que se arruma para uma grande festa quer ser uma princesa. Tinha uma cadeira, uma poltrona de rainha, muitas fotos de celebridades vestindo os vestidos dela. E ela tem uma coisa que eu também gosto muito, ela usa muita renda. E pra mim não existe nada mais feminino do que renda. Ela usa em todos os vestidos dela. (Juliana, Belém, 2016).

A jovem, de 32 anos, se casou na capital paraense em junho de 2016 e, em seguida, abriu um *atelier* de vestidos de noivas em sua cidade natal. Quando a entrevistei em seu

---

<sup>7</sup> Estilista carioca, com loja apenas em São Paulo e de uma nova geração de profissionais ligados à moda de festas. Começou a ganhar maior notoriedade na década de 2010 quando passou a produzir peças exclusivas para mulheres reconhecidas da TV brasileira. Segundo descrição da profissional em seu *website*: “As releituras de clássicos românticos desenhadas pela estilista Lethicia Bronstein Pompeu buscam valorizar o perfil da mulher moderna que deseja um estilo marcante, exclusivo e digno de um Red Carpet. Rendas, bordados e tecidos exclusivos acompanham a trajetória profissional de Lethicia que hoje encontra-se em uma prestigiada posição da moda nacional sendo considerada, inclusive, uma das 5 melhores estilistas de noiva do Brasil pela edição Luxo, da revista *Veja SP*. As linhas e agulhas da estilista, que possui seu atelier em São Paulo, já criaram looks para atrizes, modelos, cantoras, it girls e importantes nomes do cenário contemporâneo, além de noivas e mulheres que possuem bom gosto, estilo e desejam imprimir sua personalidade em criações exclusivas.” Acesso em 25 set. 2016 <<http://www.lethicia.com.br/a-estilista/>>

escritório, a conversa girava em torno dos vestidos de noiva a partir de suas duas diferentes perspectivas: como noiva e como estilista.

Seu vestido, ao lado do *buffet*, entrou como item em que ela não buscou fazer nenhuma economia na hora de organizar seu casamento. Confeccionado a partir da sobreposição de três tipos diferentes de rendas o vestido se transformou ao longo da noite. Em sua entrada na igreja, a noiva apareceu com um modelo de vestido todo fechado no busto. O colo e os braços foram cobertos por uma das rendas floridas e aplicada sobre um tule branco. O vestido seguia justo até o meio da coxa, de onde se abria uma anágua e a saia com uma cauda. Mas ao final da cerimônia o vestido se transformava: as mangas foram retiradas junto com o trecho de vestido que cobria o decote nos seios e o volume do saio. Foi com uma peça decotada e bem mais justa nos contornos de seu corpo que Juliana chegou ao salão de festas.

Me mostrando as fotos do seu casamento publicadas em uma rede social, ela me dizia que sua festa seguiu um “estilo romântico”, embora ela não se considerasse uma pessoa tão romântica. Para ela, se vestir como noiva foi como entrar em uma personagem: ela não queria que o vestido fosse uma materialização de sua personalidade, mas de como ela queria se sentir naquele dia do casamento, e só nele:

O vestido é um RG de um sonho, que não necessariamente é a personalidade da noiva. Eu posso ter meu sonho de princesa, mas ser uma mulher super moderna, atual, durona e tal... Mas lá dentro eu tenho o sonho de um dia ser princesa e aquele vestido vai ser a materialização de alguma coisa ali que não necessariamente é minha personalidade. Por exemplo, eu não sou romântica. Eu sou muito resolvida, prática. Mas na hora de casar eu fui. Por quê? Porque eu tenho uma história assim, principalmente com as princesas, que eu era apaixonada pelas princesas. E aí de algum lugar veio isso e eu disse ‘não, quero casar de princesa, vou casar princesa’. Tanto que minhas amigas quando me viram na igreja elas assim ‘jamais imaginava que tu ia casar desse jeito’. Não é minha personalidade, não é a Juliana que eu mostro pra todo mundo. Dificilmente a noiva casa do jeito que ela é no dia-a-dia. (Juliana, Belém, 2016).

Ela queria “ir para a igreja mais fechada”, “mais composta”, com “uma coisa mais sóbria”. Ao mesmo tempo, “casar princesa” era também a expectativa de seu noivo que, assim como a mãe de Mariana, não fez questão de esconder sua preferência a um modelo específico de vestido: “ele que me queria princesa. Ele só falava assim ‘não quero você sensual na igreja, não quero, quero você noiva’”.

Juliana, ao contrário de Mariana e Natália, não alugou seu vestido. Para ela a escolha de sua peça para o casamento não estava relacionada à sensação de se sentir escolhida, mas de escolher e construir com a estilista uma roupa que conseguisse

materializar um sentimento específico para o dia de sua festa: ela queria se sentir princesa. “Aquele dia é seu, é quando você é a atriz principal” dizia enquanto justificava o porquê de ter decidido, em seu *atelier*, não fazer vestidos em pronta entrega: para ela seu papel como estilista é descobrir qual personagem cada uma de suas clientes quer ser quando estão em busca do vestido de noiva. Em quinze minutos Lethicia Bronstein entendeu o que ela queria e, desde então, ela toma o sistema de atendimento da estilista paulistana como modelo para seu *atelier* em Belém.

Por isso que eu não quis fazer pronta entrega. Porque na pronta entrega você não está sendo a fada madrinha da pessoa. Você viu lá no meu *Instagram*? Eu tenho lá... Porque eu falo isso: “Eu sou sua fada madrinha, eu só vou fazer o Bibidi Bobidi Boo!!” [Referência ao filme Cinderela, de Walt Disney]. O meu trabalho é entender como é que você quer se sentir, não é como você quer seu vestido. E aí conversando com você é que eu vou passar pro papel como será seu vestido, que na verdade é a consolidação de um sentimento. “Como eu quero estar?”. Então quando uma noiva vem aqui diz: “Juliana, eu quero estar sexy. Eu quero estar isso, estar aquilo...” E cada prova é um ajuste não só do vestido, mas é um ajuste de como ela quer se sentir. E na entrega do vestido, sabe, ver na cara delas aquilo “ah, vou ficar linda, vou ficar isso, vou ficar uma princesa” ou então “eu vou ficar a mulher mais sexy da festa”. É o personagem que elas querem ser naquele dia, né? (Juliana, Belém, 2016).

Juliana ao falar de valores, disse apenas que seu vestido “custou a metade” dos quase R\$ 90 mil reais do que tinha proposto Sandro Barros, outro estilista bastante famoso, em seu primeiro atendimento na capital paulista. Isso significa que a noiva desembolsou cerca de R\$ 45 mil em seu vestido de noiva Lethicia Bronstein além dos custos das cinco viagens à São Paulo no período de provas e para buscar a peça pronta. Nenhuma economia foi feita para ter aquilo que ela considerava como o item mais importante do casamento: [a noiva] “é o personagem principal da noite e as pessoas esperam que ela esteja deslumbrante”, me dizia enquanto argumentava que é do vestido que as pessoas mais se lembram depois que vão à um casamento. Segundo ela, nem decoração e nem a comida – itens geralmente bastante onerosos nas festas – podem causar o mesmo impacto de aprovação ou reprovação causado pelo vestido da noiva. Conta de um casamento ocorrido na cidade, com decoração elaborada e banda famosa, mas “o vestido tava horroroso, acabou com o casamento” e que “todas as fotos vão estar feias, porque a noiva tava feia”.

Antes da festa acontecer, as profissionais de decoração, cerimonial e maquiagem contratadas já divulgavam fotos dos preparativos do evento que reuniu quinhentas pessoas na igreja mais disputada e no salão de festas mais caro da cidade. O casamento dela com um dos maiores herdeiros do setor varejista de Belém, amigo de seu irmão mais velho,

mobilizou atenção especial naquela noite de junho, mas, para ela, o fato de seu vestido ser confeccionado por uma estilista notória de São Paulo foi o motivo de maior expectativa. Lembra que “teve gente que se escondeu, foi pra Basílica [onde ocorria a cerimônia religiosa], ficou na porta só pra ver o vestido” e me chama atenção ao número de visualizações que o vídeo de transformação de seu vestido “de princesa” em vestido “de festa” obteve em uma rede social: “modéstia à parte, eu acho que meu vestido foi um dos mais bonitos que já teve aqui nessa cidade”, considera. E quando eu pergunto o que a fez ir até São Paulo para buscar seu vestido, ao invés de confeccionar um em Belém, ela diz que “não confio nas profissionais” da sua cidade natal.

Uma avaliação ruim das profissionais da Zona Leste de São Paulo foi o que levou Natália a procurar seu vestido fora da sua redondeza. A noiva cruzou vinte e cinco quilômetros, nove estações de metrô e mais meia hora de ônibus da zona leste até o centro de São Paulo para alugar seu vestido, também fazendo dele um dos itens mais caros de sua festa de casamento: os R\$ 2,5 mil pagos pelo aluguel na “Rua das Noivas”, região da Luz no centro da capital, representava quase 15% do total gasto em sua festa de R\$ 20 mil. Embora o desembolso tenha sido feito pelo tio e também padrinho da festa, Natália preferiu gastar o crédito do presente indo até o centro do que investir em outros itens, já que considera que as lojas de São Mateus têm “um pessoal super antiprofissional”.

Onde eu aluguei o meu vestido eu fui bem tratada desde o dia que eu peguei até o dia que eu entreguei. Então eu acho que tinha que ser assim. Super, super! A mulher fica do lado de fora da porta, na hora que você chega com o vestido na mão ela já fala assim: “Felicidades, ocorreu tudo bem na festa?”. A gente: “sim”. Mas ela não tem obrigação de perguntar, mas ela perguntou. O lugar que eu indico. Mas o lugar que eu aluguei as roupas dos padrinhos eu não indico, falo pra passar longe. (Natália, São Paulo, 2015).

Natália reclamou da qualidade das peças alugadas pelo noivo e pelos padrinhos no bairro de São Mateus, e contou ainda que o atendimento recebido na loja do centro da capital em nada parecia com aquele que ela recebeu na loja de seu bairro. Lembrou de calças de padrinhos terem sido entregues sem ter a barra feita, de o terno do noivo ter sido confeccionado com uma costura frouxa e, principalmente, de que foi atendida com descaso pelas funcionárias da loja de São Mateus.

A festa de casamento de Juliana em Belém custou um valor bem mais alto do que de Natália: cerca R\$ 300 mil mesmo com todas as economias proporcionadas pela vantagem em utilizar a estrutura da empresa alimentícia do noivo. Mas de modo muito parecido com Natália, seu vestido também representou 15% dos gastos da festa, se

tornando um dos itens elencados como aquilo que não devia ser economizado no casamento.

Camila, do interior de São Paulo, resolveu fazer o contrário e pagou apenas R\$ 500 em seu vestido importado via *internet* de uma confecção chinesa. A ideia era mesmo economizar. Dificilmente a noiva encontraria um aluguel de vestido de noiva com esse valor, muito menos um vestido novo disponível para compra. Camila descobriu o *website* de vendas de vestido em uma busca *online*. Escolheu uma fornecedora, visitou seu catálogo de modelos e descreve o momento de escolha do vestido com uma emoção semelhante àquela relatada por Juliana ou vista em Mariana:

eu não fui em nenhuma loja de roupa de noivas eu não tive esse momento suntuoso que todo mundo fala, esse momento glamour... E aí eu fui escolhendo, escolhi uma fornecedora lá e fui olhando, fui olhando. A hora que eu bati o olho eu falei "é esse!". "Eu gostei desse" e foi esse, entendeu? (Camila, Jundiaí, 2016).

Em seguida, com a ajuda de uma amiga de trabalho, fez as medidas de seu corpo e enviou para o *website*, que ainda fez as traduções para o mandarim. Ela conta que a escolha do vestido foi uma das primeiras coisas que resolveu mobilizar quando decidiu se casar. Já que o item viria de longe, a chegada da encomenda via container marítimo poderia atrasar mais que o previsto ou, pior, vir uma peça que não agradasse muito quando ela experimentasse. Nenhum dos dois problemas aconteceu: o vestido chegou, serviu e ela gostou. Mas sua escolha não agradou muito quem estava ao seu redor.

Enquanto todas as noivas vão e experimentam e todo mundo chora "ai, que lindo, você é a pessoa mais linda do universo!", minha mãe olhou e falou: "ai, não sei". E ela não deixou eu me ver, eu não tinha espelho na minha casa. Eu coloquei, ela não gostou, eu só conseguia me ver assim olhando pra baixo. Ela falou que não gostou, não sei o que, que tava largo, que não sabia, que tava muito simples... E ela acabou comigo. Eu me senti a pior pessoa do universo, mas eu tinha gostado do vestido. (...) Aí ela "parece que você tá com um vestido de outra pessoa, que não foi feito pra você. Não, eu te dou o cinco mil reais, se o problema é os cinco mil reais eu te dou, você vai lá e aluga". E eu estava com meu vestido e eu estava feliz com meu vestido. Mas ela deixou nítido que ela não tinha gostado do vestido. Mas ela não tava vendo com o enchimento, ela não tava vendo com uma luz de uma loja, nada daquilo. E eu queria pelo menos me ver pelo celular, pedi pra ela tirar uma foto pra me ver e ela "não, que você vai divulgar para as pessoas". Então foi um *stress* muito grande. Aí depois de uma ou duas semanas ela não deixou ninguém ver, falou que no máximo minha irmã. Mas aí eu falei que então nem minha irmã, não mostrei pra ninguém. Então ela pegou e aí a filha de um cabelereiro famoso de não sei quem na mídia, apareceu na Globo, aí ela viu que o vestido era parecido com o meu. Aí então ele tá na moda, ele é bonito e ele vale a pena. Precisava de um ideal externo, de alguém rico, famoso. Faltou a vendedora. Como não tinha a vendedora, não tinha quem fizesse essa alusão "está na moda, é o vestido do ano..." (Camila, Jundiaí, 2016).

No ambiente de trabalho a notícia do vestido comprado via *internet* da China também não foi muito aprovada. Camila, que faz parte da administração de um *shopping*, conta que depressa a notícia se espalhou e iniciaram os “murmúrios na empresa”. Colegas vinham comentar sobre a compra em tom de piadas, riam com a surpresa dessa escolha e ela percebia muita ironia em suas falas. Em um primeiro momento ela pensava que o desconforto causado por sua escolha se dava pelo fato de ter comprado um vestido sem nunca ter experimentado. Ela não tinha nem ao menos ido à alguma loja provar os diferentes modelos possíveis de vestidos para se decidir quais estilos buscar. Mas depois ponderou que o motivo do “*stress*” era outro: “tô comprando da China e a China pra muitas pessoas aqui é uma coisa negativa”.

Quando eu perguntei então o porquê de um vestido da China incomodar tanto, a noiva foi enfática: “porque era barato”

[para as pessoas] um vestido bom é o que custa vinte mil reais o aluguel. “Você é louca! Você é louca! Vai chegar um negócio que você não tem respaldo nenhum, de um país que nada de lá é bom, ninguém de lá é confiável, você não recebeu cartinha de ‘me socorra, eu sou um escravo costurando?’” Entendeu? Como se nenhuma dessas marcas caras também não fizessem lá. Eu só fui direto na fonte (rindo). Então o que mudou? Na minha cabeça nada, eu tenho essa consciência de como é essa questão da escravidão. Mas bom, é o que eu posso pagar. Eu não tenho como pagar cinco ou dez mil, eu prefiro pagar isso numa viagem. Se é pra fazer uma viagem, então eu prefiro fazer uma viagem. A minha prioridade era outra. (Camila, Jundiaí, 2016).

### **Vestida para casar**

O vestido é uma prioridade da noiva. Ao menos é o que se espera quando o assunto é festa de casamento. Camila descobriu essa regra quando decidiu por comprar um vestido via *internet*, da China e, portanto, mais barato. Sua mãe e seus colegas de trabalho trataram logo de mostrar que algo estava sendo posto fora de lugar. Se, de modo geral, festas intentam ser momentos de conformação de uma narrativa de coesão (CHAVES, 2003), um olhar sobre o processo que a precede, nos momentos de organização, parece me possibilitar acompanhar com mais facilidade as tensões e constrangimentos que contrabalançam tal narrativa de estabilidade. Brigas, disputas e frustrações além de evidenciar as relações acionadas nesse processo, mostram também as convenções que se preveem pactuadas.

“Faltou a vendedora”, avaliava Camila na tentativa de compreender o porquê de sua mãe ter rejeitado seu vestido de noiva. A compra, via *internet* e sem ter passado por alguma loja de vestidos para antecipar a prova do modelo escolhido, parecia ter suprimido

um passo do processo de organização da festa. Tinha faltado aquele “momento suntuoso que todo mundo fala, esse momento glamour” prescrito no tempo do casamento.

Juliana, de noiva a agora estilista, se compara à fada madrinha de Cinderela para descrever o ofício de “consolidar sentimentos” de suas clientes. Quando noiva queria se “sentir princesa” e, não aleatoriamente, descreve o espaço de atendimento de Lethicia Bronstein (a estilista escolhida) a partir dos mesmos referenciais. Conta que a sala parecia uma “casinha de boneca”, uma “sala de princesa”, com corações, coroas e uma “poltrona de rainha” compoendo a decoração do ambiente, além das fotos de “celebridades vestindo os vestidos dela”.

O estilista que atende Mariana faz como a funcionária da loja que alugou o vestido de Natália: aparamenta a noiva em questão de minutos certificando-se de que nenhum acessório dessa grande fantasia falte no momento de se fechar o negócio. Véus, buquês, penteados improvisados, coroas e até uma sonoplastia ajudam a montar a noiva de frente para os espelhos iluminados dos provadores das lojas. São os elementos que, performatizados, disparam as sensações então buscadas pelas noivas cliente: se sentir ora “princesas”, ora “sereias”.

Divididos a partir de uma lógica de oposição em todos os contextos que circulei durante a pesquisa, os vestidos de noivas oscilam entre duas possibilidades de modelagem e confecção. “Princesas”, de modo geral, são chamados aqueles vestidos que seguem justos até a cintura, depois contam com uma saia bastante rodada e armada por camadas de enchimentos (compostos apenas de tecidos ou por estruturas de metal em formatos cilíndricos). Já “sereias” são aqueles que investem mais no contorno do corpo e mantêm-se justos até as coxas de quem o usa<sup>8</sup>, para então só a partir dos joelhos abrirem-se geralmente em formato de uma cauda.

Enquanto eu circulava entre noivas e lojas de vestidos voltados para este público, pude levantar um conjunto de referenciais e adjetivos usados para classificar as roupas nesses dois grupos distintos. Mariana chegou na loja falando que queria um modelo “clássico” e, como resposta ao pedido, recebeu inúmeros modelos no estilo “princesa”. Todos justos no busto e com saias rodadas a partir da cintura. O que mudava de um para

---

<sup>8</sup> Dificilmente pode-se encontrar alguma noiva com um vestido justo até o quadril nos álbuns de fotografias de casamentos antes da última década. Não consegui encontrar em nenhum canal especializado em vestidos de noivas a informação sobre a criação deste modelo de peça, mas mais do que entender quando os vestidos “sereias” ganharam notoriedade, nos interessa compreender o que sua modelagem informa sobre as relações entre noivas e diferentes versões de feminilidade.

outro eram as variações de decotes e combinações de rendas somadas à peça: às vezes tampando mais ou menos sua pele.

O desejo de se sentir “clássica” ao mesmo tempo que invocava curiosidade do estilista, era por ele também acionado de modo a favorecer o aluguel do traje: “imagina essa manga longa aí na foto colocando a aliança, aparece o preto e branco da roupa do noivo e a renda branca da noiva, fica lindo” dizia enquanto deslizava a mão pelo véu longo e suntuoso que descia da coroa. A mãe da noiva não escondia a predileção ao modelo de vestido que ela classificava como algo que “parecia uma menininha”. E também não escondeu a frustração quando a filha optou por um modelo contrário ao “princesa”, aquilo que momentos antes ela tinha classificado como um estilo de “mulheres que casam com os velhos e querem dar golpe do baú”, utilizando como referência um estereótipo de mulheres que se beneficiariam de vantagens econômicas por meio de atributos de beleza.

A noção de “piriguete” e a imagem da *funkeira* Valesca Popozuda foram usadas de modo a desqualificar o estilo de vestido que evidenciava e enfatizava as curvas corporais da noiva. Eram os recursos linguísticos usados para atribuir o modelo oposto de um valor moral específico, e negativo. Juliana também se casou com um vestido que era ajustado em seu quadril e demarcava o contorno de todo seu corpo, mas o busto e os braços completamente “fechados” com renda a faziam classificar seu modelo como “princesa”. Deslocando a ideia de um “vestido princesa” para um modelo que, embora justo, cobria toda sua pele, a noiva ressaltava que a sensação buscada era de uma imagem de sobriedade, em oposição à sensualidade. Seu noivo colaborou na escolha da peça e quando afirmava que a queria “noiva” e não “sensual” na igreja, acionava noções parecidas com aquelas referenciadas na prova do vestido de Mariana.

Mariana se vestiu de “sereia” e tratou de desqualificar o vestido de “princesa” dizendo que não queria parecer uma “santa”. Reorientou todas as buscas de vestido e elegeu a modelagem mais justa – e sensual – como aquela que a fazia esquecer das acusações de estar acima do peso e a transformava em “bonita”, “elegante” e “poderosa”. Já Natália, que não deu nome ao estilo de seu vestido, causou uma admiração não tão positiva de seu sogro religioso ao chegar na cerimônia com um vestido que expunha os seios dentro do decote apertado.

Fosse pelos contornos do quadril ou pela valorização dos seios, os vestidos podiam colocar em evidência outras dimensões de feminilidade que nem sempre uma noiva gostaria de evidenciar ou então que os vestidos “princesas” pareciam obscurecer. A noiva



“menininha” e “santa” deu lugar à noiva sensual e “poderosa” no reflexo do espelho de Mariana. Para ela, e embora à revelia de sua mãe, sensualidade e poder caminhariam lado a lado naquilo que ela elegeu como sua performance particular de noiva: se a escolha do vestido era a possibilidade de materialização de um sentimento e de uma personagem assumida no dia do casamento, como dizia Juliana, Mariana era a noiva poderosa porque *sexy* ou *sexy* porque poderosa.

Mas ao mesmo tempo, montada com um vestido todo marcado em seu corpo, a noiva buscava provocar um deslizamento moral naqueles referenciais de feminilidade evocados por sua mãe. “A Valesca Popozuda não usaria o de renda *chantilly* francesa” repete para mim aquilo que, para ela, é uma justificativa plausível para afastar o indício de “vulgaridade” de seu vestido.

A renda de *chantilly* francesa era o elemento de negociação que Mariana dispunha para deslocar o valor moral que sua mãe atribuía ao seu vestido “sereia” e servia, no outro contexto de pesquisa, como símbolo da feminilidade buscada na composição da personagem-noiva de Juliana em Belém: “não tem nada mais feminino que renda”, dizia. Tanto em um caso como em outro, a renda servia de sinal diacrítico para uma feminilidade valorizada e idealizada inscrita nos vestidos.

Enquanto Juliana surpreende as amigas ao decidir por um vestido que ofuscava sua sensualidade, Mariana e Natália tencionaram os limites da exposição do corpo de uma noiva. Mariana realça suas curvas ao expor o contorno do seu quadril, já Natália, encara a cerimônia com o peito descoberto. Ambas são alvos de comentários ou tentativas de constrangimento e, para a análise, apontam mais uma convenção acerca do processo de organização de um casamento: há limites para a sensualidade da noiva.

Todas interlocutoras vinham de contextos econômicos bastante distintos e consumiam vestidos com valores também contrastivos. Mas mesmo que um vestido seja comercializado por dois ou quarenta mil reais, eles eram objetos que podiam tanto criar como apaziguar negociações sobre os limites da sensualidade da noiva. Juliana, casando-se com um homem mais velho e mais rico, talvez não por coincidência, foi a única das minhas interlocutoras que teve uma preocupação exacerbada em não estar sensual – aspiração comum com o próprio noivo. Talvez fosse ela aquela que corresse um risco de cair no filtro moral da “mulher que casa com homem mais velho para dar golpe do baú” indicado pela mãe de Mariana e, assim, o vestido podia ser uma tentativa de desautorizar essa narrativa. Ela, que não se diz romântica, se queria “princesa” na cerimônia de

casamento<sup>9</sup>. Por isso, aos olhos surpresos de todos os outros, percorreu “fechada” e “sóbria” os quarenta metros de passadeira da igreja.

Nesse sentido, entre “princesas” e “sereias” os vestidos pareciam fornecer uma possibilidade de essas mulheres organizarem sentimentos e expectativas sobre uma determinada experiência, modelando os corpos e o estilo que uma noiva quer comunicar. E, assim, os limites sobre a exposição do corpo e a criação de um efeito sensualizado eram negociados pelas clientes de modo a produzir versões diferentes de feminilidade.

Tal como em outros contextos etnográficos (FRANÇA, 2010; FACCHINI, 2008), o estilo das roupas parecia se constituir como um mecanismo de diferenciação e de expressão de contornos de gênero. Mas ao mesmo tempo em que as modelagens dos vestidos podiam ser acionadas como operadoras de diferenciação entre feminilidades mais ou menos valorizadas segundo as convenções sociais, elas podiam também ser usadas como dispositivos para alargar essas mesmas convenções. Juliana queria se diferenciar de qualquer leitura sensualizada de sua performance como noiva, Mariana, por outro lado, parecia querer alargar as convenções sobre o que é ser noiva: tinha renda, tinha véu e vestido branco, mas também tinha muita sensualidade em seu momento de “glamour”.

O momento da escolha dos vestidos era encarado, tanto naquele que acompanhei como naqueles relatados, como instantes que podiam disparar uma prévia das sensações desejadas e esperadas para o dia do casamento. “Noiva é foto, noiva é estilo” enfatizava o estilista da loja de São Paulo ao justificar para a cliente que sua escolha do vestido devia estar orientada pelo critério “como você quer se ver na foto do seu casamento 10 anos depois”. O vestido deveria ser a materialização da imagem como cada noiva queria se ver no espelho ou nas fotografias do evento, numa lógica cujo vestido e noiva pareciam se confundir como personagens centrais de um ritual previsto como único na vida delas, tal como enfatizava Juliana.

---

<sup>9</sup> Os termos “princesa” e “romântico” aparecem correlacionados na fala da interlocutora de modo a se aproximar das mesmas concepções que encontrei, anos antes, em minha pesquisa com crianças pequenas (ESCOURA, 2012). Ela é a mesma noiva que se refere explicitamente ao filme “Cinderela” cujo mote é a realização do amor romântico como forma de salvamento do flagelo da vida cotidiana e foi objeto da pesquisa anterior. Entre as crianças, os termos “princesa” e “noiva” por vezes se confundiam para descrever um contorno de feminilidade notadamente considerado ideal. A interlocutora, aqui, parece apontar para novas possibilidades interpretativas quando, ademais, soma os termos “moderna”, “atual”, “duração”, “resolvida” e “prática” para se contrapor às ideias tanto de “princesa” como de “romântica”. Esse alargamento de referências parece abrir novas possibilidades de análise para além daquelas já colocadas na pesquisa de 2012, o que deverá ser realizado em outro momento.

Assim como indicado por Cristina Teixeira Marins (2016) enquanto esteve em campo com cerimonialistas do mercado de casamentos, sob a justificativa desse ser um evento que ocorre apenas uma vez na vida, os profissionais desse segmento utilizam o fator da extraordinariedade como arma para a negociação de seus serviços. “O céu é o limite” quando se fala em consumo para festas de casamento pois, para eles, é esse um ritual que possibilita a quebra da ordinariedade da vida cotidiana.

“Difícilmente a noiva casa do jeito que ela é no dia-a-dia” dizia a noiva-estilista de Belém ao defender que mais do que expressar uma identidade (GELL, 2008), o consumo do vestido era a consolidação de uma personagem. De forma particular, uma espécie de dimensão lúdica é criada ao redor desses eventos de modo a construir uma narrativa de outra ordem, onde um universo idealizado de fadas ou *Barbies* podem ganhar uma materialidade até então inalcançável quando postas no plano do ordinário. Ser noiva é, nesse sentido, ser a atriz principal de uma grande performance posta às vistas de todos e iniciada já dentro dos provadores das lojas de roupas.

Quando um estilista traz um vestido para ser provado que, sabidamente, está acima do preço indicado pela cliente, ele de algum modo busca tensionar as fronteiras econômicas compactuadas e se utiliza dos dois lados que a mesma moeda da extraordinariedade pode ter: é glamour e é sacrifício. “Quanto você quer pagar pelo seu sonho?”, ouvi uma vez um *bartender* dizer ao negociar em uma feira de noivas na capital paulista. E ao final da negociação, sonhos foram comprados em dez longas parcelas no cartão de crédito.

Sob a lógica do sacrifício, Mariana aceita o desafio de ficar durante horas debaixo de uma roupa costurada à ferro para demarcar sua cintura. É o outro preço, somado ao valor do vestido, que irá permitir que ela esteja “deslumbrante” no dia do seu casamento. E é ela também que recorre ao cartão de crédito como forma de driblar o vestido que sai mais caro que o planejado.

Mas mais do que utilizar o endividamento como estratégia para vestir o vestido de rendas francesas em sua cerimônia, parecia que Mariana estava apenas seguindo à risca uma norma já enunciada nos preparativos das festas de Natália e Juliana e evidenciado pelo constrangimento do vestido chinês de Camila: em vestido de noiva não se economiza.

Nem tempo, nem dinheiro, engajamento ou expectativa podem ser economizados quando noivas estão em busca de seus vestidos. Independentemente de qual o custo total de uma festa, se ela é feita por uma funcionária de shopping ou por um herdeiro do setor varejista, a expectativa é de que o vestido da noiva seja um item valioso.

Tanto Juliana, a noiva de Belém com casamento orçado em R\$ 300 mil, como Natália, do casamento de R\$ 20 mil na zona leste de São Paulo, gastam em torno de 15% do valor total do evento para estarem com os vestidos que desejaram. Mas além da coincidência no percentual dispendido na peça, são as duas também que vão em busca de vestidos bem longe de casa para comporem suas performances de noiva. Uma vai da margem geográfica ao centro do município de São Paulo e outra vai do norte do país para a capital paulista em uma busca que acrescenta mais do que quilometragem aos seus vestidos.

A “falta de confiança nas profissionais” de seus bairros ou cidades é, em ambos os casos, a ideia para justificar os deslocamentos pela cidade ou entre as cidades. Natália compara o atendimento da loja da região da Luz, na “Rua das Noivas”, com aquele recebido em São Mateus para enfatizar que não recomendaria a loja de seu bairro para ninguém. Juliana, por sua vez, diz não confiar nas profissionais de Belém e quando fala da estilista de São Paulo, ressalta a qualidade de seu trabalho quando considera que ela deve ter uma “pequena fortuna em materiais”.

Quando uma noiva entra com seu vestido em uma cerimônia de casamento, os custos da peça nem sempre são conhecidos pelos convidados. Nas conversas que tive com minhas interlocutoras, tanto formais como informais, quando pergunto os valores gastos nos itens das festas sempre as sinto bastante confortáveis falando daquilo que economizaram. Mas falar sobre os custos de um vestido geralmente gera reações de constrangimento. Em vestido não se economiza, mas dar indícios de que a compra ou o aluguel foi uma “ostentação” é um risco que as noivas também não querem correr.

Natália rebate seu noivo quando ele acusa que seu vestido foi “caro” e minimiza que “dois mil e quinhentos, foi super barato”. Já Juliana fala do valor de seu vestido de maneira indireta, em contraposição ao modelo proposto por outro estilista e por ela recusado. Essa contradição entre convenções que de um lado não permite racionalidade financeira no quesito vestido de noiva e, por outro lado, condena práticas de consumo ostensivas coloca as noivas em um complexo limiar. Como afastar o risco em parecer uma consumidora excessiva com, ao mesmo tempo, a demanda pela convenção de que o vestido não pode ser economizado?

Parecia que trazer para Belém um vestido de São Paulo ou do centro para um bairro da “quebrada”<sup>10</sup> era uma estratégia. Trazer um vestido “de fora” configurava uma outra forma de atribuir valor àquele que, por pressuposto, deveria ser um item valioso. O vestido, nesse sentido, parecia poder absorver o status de um determinado território e evocar, paralelamente, uma nova métrica de valor que não envolvesse, necessariamente, o referencial das cifras de dinheiro.

O consenso por trás dessas estratégias era de que mesmo que ninguém soubesse que tinha custado mais de 40 mil reais, um vestido vindo de São Paulo, em Belém, já seria visto como algo valioso. E na zona leste da capital paulista, ainda que uma pessoa nunca tivesse entrado em uma loja da “Ruas das Noivas”, ela poderia supor que lá paga-se mais do que em São Mateus por um vestido: seu valor estava posto em outros referenciais, mas que também comunicavam diferenças e distinções econômicas. E embora Natália dissesse ter sido incontrolavelmente “escolhida” por seu vestido quando esteve na loja do centro da capital, foi ela, afinal, que escolheu onde se deixaria ser escolhida.

No casamento noticiado pelas redes sociais, Juliana se apresenta com um vestido “Lethicia Bronstein” que leva, segundo ela, curiosos para frente da igreja ou para as publicações no *Instagram*. Fazer do seu vestido “um dos mais bonitos que já teve aqui nessa cidade” significava também trazê-lo de fora dessa mesma cidade. Ele era excepcional pois vinha de um lugar em que, socialmente, se reconhece que as coisas são de melhor qualidade ou de maior profissionalismo.

Além disso, em seu caso específico, é preciso notar que quando então falamos de noivas que dispõem de quantias muito altas de dinheiro, cujas escolhas de consumo nem sempre representam sacrifícios de endividamento como de Mariana, outros elementos entram nessas possibilidades de distinção. Juliana traria seu vestido de São Paulo, mas não é de qualquer “São Paulo” que vem o vestido de Juliana.

Embora a “Rua das Noivas”, onde Natália alugou seu traje, seja um importante centro de comercialização de vestidos de noivas na capital paulista, a São Paulo em que Juliana busca sua roupa é aquela onde “muitas fotos de celebridades vestindo os vestidos”

---

<sup>10</sup> Algumas autoras utilizariam “periferia” para descrever os locais de realização da pesquisa na zona leste da capital paulista. O termo costuma estar associado não apenas a uma designação geográfica de um território, mas também a uma localização na cartografia econômica. Para uma discussão sobre associação de organização urbana e pobreza, ver MARICATO, 2013; ROLNIK, 1988. Por conta da complexidade das discussões requeridas e das críticas levantadas ao uso deste termo, optei, neste trabalho, por utilizar a categoria êmica “quebrada” que, ao lado de “favela”, apareceu no meu trabalho de campo na região.

de sua estilista escolhida enfeitam as paredes da loja. Nesse sentido, ao mesmo tempo em que Juliana se diferencia de todas as outras noivas de Belém que não terão os vestidos “mais bonitos da cidade” e nem curiosos à sua espera na frente da igreja, ela agencia seu trânsito pela cidade de São Paulo de modo a se diferenciar também de noivas como Natália. Apesar de ambas usarem o trânsito pela cidade como operador para demarcar uma diferença, a São Paulo que se apresenta como território de diferenciação para uma noiva, deste modo, não é a mesma para a outra.

Mas também não bastava a um vestido vir de longe para ser considerado automaticamente um vestido melhor, ele tinha que vir de algum território também mais valorizado. Se pensarmos apenas na lógica de deslocamento territorial, certamente o vestido de Camila, vindo da China, seria aquele com a maior distância acumulada em sua trajetória. Entretanto, é justamente pelo fato dele ter vindo de lá que caiu no desgosto da mãe e dos colegas de trabalho da noiva.

Ao mesmo tempo que o fato de um vestido vir de longe podia provocar uma curiosidade e um reconhecimento de que era mais especial, a valorização do vestido não se dá apenas pelo cálculo da distância em si, mas pelo valor ou distinção do território que o produz. Se as noivas acionavam noções de diferenciação em seus trânsitos pelos territórios, era porque havia também hierarquia entre os diferentes lugares por onde circulavam (FRANÇA, 2010).

Para a chave de oposição entre centro *versus* quebrada ou São Paulo *versus* Belém, podia ser somada também a desvalorização da China em contrapartida aos vestidos nacionais ou materiais vindos de outros países. Mariana tentou convencer sua mãe de que estava fazendo uma boa escolha de vestido com o argumento da renda que era, pois, francesa. Mas a internacionalidade do vestido de Camila, em contraponto, não significava nenhuma valorização: “tô comprando da China e a China pra muitas pessoas aqui é uma coisa negativa”, dizia. E sob a mesma lógica que associa qualidade e profissionalismo para justificar a escolha de vestidos mais caros, teve que responder à desconfiança de seu vestido ter sido feito em regime de trabalho escravo.

Camila foi a primeira noiva que me evidenciou os riscos de constrangimento contra quem economiza no preço do vestido. Pagar “o que eu posso pagar” foi o disparador de tensões até então não previstas entre ela e sua mãe. Mas também é a história dela que nos permite perceber a convenção que pressupõe que uma noiva deve dispende a maior quantidade de dinheiro possível quando em busca do vestido e que, essa busca, também

precisa ser encarada como um grande projeto de engajamento pessoal. Conseguir um vestido sem muitas dificuldades (barato e sem sair de casa) não pareceu uma resolução muito tranquila para a noiva de Jundiaí e, nesse sentido, quando a história dela é olhada em contraposição às outras histórias, Camila apresentava-se como alguém que não fazia de seu casamento um projeto de distinção. Para ela, o poder que poderia ser apropriado por uma noiva a partir do consumo de objetos valiosos vindo de lugares valorizados não era, enfim, o seu interesse.

Sua história, mais uma vez, mostra que uma noiva precisa se empenhar. E esse empenho pode ser confirmado seja pelas dívidas que acumulará durante todo o tempo de preparação de suas festas de casamento como também colocando seus corpos em trânsito por lugares que podem transformar sua mobilidade em possibilidade de demonstração da ascensão social (PISCITELLI, 2013), ainda que extraordinária. Nesse sentido, pelos dados levantados, podemos apontar que o valor da noiva e o valor do vestido muito rapidamente podem se confundir, tanto em um sentido moral das convenções de feminilidade, como também no sentido dos posicionamentos de classe que uma noiva quer e consegue demonstrar durante seu ritual de casamento. E, assim, do mesmo modo como as modelagens das roupas têm circulado entre as lojas de diferentes classes sociais de modo a demarcar estilos distintos (e por vezes hierarquizados) de feminilidade, o trânsito de noivas entre as diferentes cidades e pelas cidades tem evidenciado estratégias de diferenciação por meio do poder de consumo e distinção.

## **Referências**

CHAVES, Christine de Alencar. **Festas da Política: uma etnografia da modernidade no sertão (Buritis – MG)**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2003.

ESCOURA, Michele. **Girando entre Princesas: performances e contornos de gênero em uma etnografia com crianças**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

FACCHINI, Regina. **Entre Umas e Outras: mulheres, (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo**. Tese (doutorado em Ciências Sociais). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, 2008.

FRANÇA, Isadora. **Consumindo lugares, consumindo nos lugares: homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo**. Tese (doutorado em Ciências Sociais). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, 2010.

GELL, Alfred. Recém-chegados ao mundo dos bens: o consumo entre os Gonde Muria. In APPADURAI, Arjun (org). **A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural**. Rio de Janeiro: EDUFF, 2008.

MARICATO, Ermínia. É a questão urbana, estúpido! In: MARICATO, E. et al. **Cidades rebeldes: Passe Livre e as Manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo, Carta Maior, 2013.

MARINS, Cristina Teixeira. **Quando o céu é o limite: um olhar antropológico sobre o universo dos casamentos e dos cerimonialistas**. Niterói: Eduff, 2016.

PISCITELLI, Adriana. **Trânsitos: brasileiras nos mercados transnacionais do sexo**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013.

ROLNIK, Raquel. São Paulo, início da industrialização: o espaço é político. In: Lúcio Kowarick. (Org.). **As Lutas Sociais e a Cidade**. São Paulo: Paz e Terra / UNRISD, 1988.